

Dehumanization in Romantic Relationships Scale (DIRRS): Evidências psicométricas para o português brasileiro

Marcela Amaral Rodrigues¹, Patrícia Nunes da Fonseca², Anna Dhara
Guimarães Tannuss³, Andrêsa Fernanda Gomes Pereira⁴ e Lays
Brunnyeli Santos de Oliveira⁵

Resumo

O artigo objetivou adaptar e validar a *Dehumanization in Romantic Relationships Scale* (DIRRS) para o português brasileiro, considerando suas subescalas de perpetrador e alvo de desumanização em relacionamentos amorosos. O Estudo 1 contou com 268 participantes, a maioria (66.4%) mulher ($M = 29.07$; $DP = 9.81$; amplitude = 18–66 anos). A AFE conduzida indicou uma estrutura unifatorial para as subescalas, com índices de confiabilidade adequados (perpetrador: $\alpha = .92$; $\omega = .93$; alvo: $\alpha = .94$; $\omega = .94$). O Estudo 2 contou com 212 participantes, a maioria (54.2%) homem ($M = 29.90$ anos; $DP = 10.82$; 18–69 anos). A AFC corroborou a estrutura unifatorial da medida, com adequados índices de ajuste das subescalas perpetrador (CFI = 0.97; TLI = 0.97; RMSEA = 0.10; SRMR = 0.10), composta por 12 itens, e alvo (CFI = 0.97; TLI = 0.97; RMSEA = 0.14; SRMR = 0.11), composta por 11 itens, com adequados índices de confiabilidade das subescalas ($\alpha = .81$; $\omega = .82$; $\alpha = .86$; $\omega = .86$) e da escala geral ($\alpha = .86$; $\omega = .86$). Portanto, os achados indicam que a DIRRS apresenta evidências psicométricas adequadas, demonstrando sua viabilidade para uso por pesquisadores e profissionais interessados em mensurar esse fenômeno.

Palavras-chave: desumanização; relacionamentos amorosos; Dehumanization in Romantic Relationships Scale; adaptação; validação.

1 Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Email: marcelaamaralrodrigues@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6310-8666>

2 Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Email: pnfonseca.ufpb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6322-6336>

3 Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Email: tharatanusspsi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6945-4041>

4 Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Email: afgp.academico@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7550-7971>

5 Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Email: lays_brunnyeli@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1196-6014>

Dehumanization in Romantic Relationships Scale (DIRRS): Psychometric evidence for Brazilian Portuguese

Abstract

This article aimed to adapt and validate the Dehumanization in Romantic Relationships Scale (DIRRS) for Brazilian Portuguese, including its perpetrator and target dehumanization subscales. Study 1 included 268 participants, the majority (66.4%) being women ($M = 29.07$; $SD = 9.81$; range = 18–66 years). The EFA conducted indicated a unifactorial structure for both subscales, with adequate reliability indices (perpetrator: $\alpha = .92$; $\omega = .93$; target: $\alpha = .94$; $\omega = .94$). Study 2 included 212 participants, the majority (54.2%) being men ($M = 29.90$ years; $SD = 10.82$; 18–69 years). The CFA corroborated the unifactorial structure of the measure, with adequate fit indices for the perpetrator subscale (CFI = 0.97; TLI = 0.97; RMSEA = 0.10; SRMR = 0.10), composed of 12 items, and the target subscale (CFI = 0.97; TLI = 0.97; RMSEA = 0.14; SRMR = 0.11), composed of 11 items, with adequate reliability indices for the subscales ($\alpha = .81$; $\omega = .82$; $\alpha = .86$; $\omega = .86$) and the overall scale ($\alpha = .86$; $\omega = .86$). Therefore, the findings indicate that the DIRRS presents adequate psychometric evidence, demonstrating its viability for use by researchers and professionals interested in measuring this phenomenon.

Keywords: dehumanization; romantic relationships; Dehumanization in Romantic Relationships Scale; adaptation; validation.

INTRODUÇÃO

A desumanização é um fenômeno psicossocial que se manifesta quando indivíduos ou grupos são tratados como objetos ou animais, isto é, privados de suas características humanas. Esse processo pode ocorrer tanto de forma explícita, por meio de ações diretas e/ou discursos hostis, quanto de forma implícita, por meio de atitudes que negam a plena humanidade do outro (Haslam & Loughnan, 2014; Kteily & Landry, 2022).

Historicamente, a desumanização tem sido adotada como justificativa para a realização de atrocidades em contextos de guerra, de genocídio, de escravidão e de outras formas de opressão e violência (Haslam, 2022; Haslam & Loughnan, 2014). Todavia, esse fenômeno não está restrito a esses contextos extremos, manifestando-se também nas relações interpessoais íntimas, a exemplo dos relacionamentos amorosos (Karantzias et al., 2022). A literatura descreve a desumanização como preditora de

fenômenos preocupantes como abuso físico e emocional entre parceiros (Pizzirani & Karantzas, 2019) e violência no namoro entre adolescentes (Morera et al., 2022).

Na dinâmica do relacionamento amoroso, a desumanização consiste na negação ao parceiro do seu senso de autonomia, como se este fosse desprovido de sentimentos ou carecesse de inteligência (Bastian & Haslam, 2011), sendo, por isso, tratado como menos humano (Haslam, 2006). Dessa forma, o alvo da desumanização é percebido apenas como meio para satisfazer os próprios desejos e necessidades do perpetrador, que não reconhece a individualidade e a complexidade emocional da vítima, que tende a ser uma pessoa com autoestima baixa (Pizzirani et al., 2019).

De acordo com Pizzirani e Karantzas (2019), a desumanização exercida no contexto amoroso seria perceptível em comportamentos relacionados a: hostilidade (e.g., agressão verbal e ameaças); manipulação (e.g., *gaslighting* e chantagem emocional) e ridicularização (e.g., humilhação pública e diminuição de conquistas). Para compreender melhor esse fenômeno, é pertinente considerar duas teorias fundamentais: a Teoria da Infra-humanização (Leyens et al., 2001) e o Modelo Dual da Desumanização (Haslam, 2006).

A Teoria da Infra-humanização

A Teoria da Infra-humanização, proposta por Leyens et al. (2001), compreende a desumanização como um fenômeno que reflete a negação das qualidades humanas, ou seja, aquelas que diferenciam as pessoas dos animais. De acordo com Bar-Tal (1989), esse processo ocorre a partir da categorização de pessoas como sub-humanas ("raças inferiores" e "animais"), ou como supra-humanas, mas percebidas negativamente, como "demônios" e "monstros". Assim, a infra-humanização manifesta-se como um processo de exclusão baseada na percepção de que o indivíduo ou o grupo social do qual o outro faz parte é menos humano (Silva, 2016).

Esta percepção está fundamentada na atribuição de emoções humanas e não-humanas aos grupos (Leyens et al., 2001). As emoções denominadas primárias, como medo, raiva ou surpresa, por apresentarem bases biológicas, são passageiras e de ocorrência explícita, podendo ser experienciadas por animais e seres humanos. Já as emoções secundárias, como esperança, admiração ou arrependimento, são exclusivamente humanas e resultam da aprendizagem social (Gaunt et al., 2002; Hu et al., 2017; Leyens et al., 2001; Martínez et al., 2017).

Portanto, o ponto fundamental da teoria é conceber a desumanização como uma tendência à diferenciação na atribuição das emoções, na qual ocorre atribuição de emoções secundárias (e.g., felicidade, compaixão e constrangimento), consideradas exclusivamente humanas, ao grupo do qual se faz parte (endogrupo), enquanto emoções primárias (e.g., alegria, prazer, medo, dor e raiva), compartilhadas com

outros animais e consideradas emoções básicas e instintivas, ao grupo alheio, ou seja, do qual não se faz parte (exogrupo). Essa visão sugere que o exogrupo é emocionalmente menos complexo, o que reforça o mecanismo de animalização.

Nesse sentido, Leyens et al. (2001) explicam que, quando o indivíduo orienta seu julgamento com base no favoritismo endogrupal, pode endossar atitudes e comportamentos negativos em relação ao exogrupo, uma vez que, ao atribuir características mais humanas ao seu grupo, consequentemente, qualifica-se o grupo alheio como menos humano, o que leva à infrahumanização destes grupos externos.

A partir dessa teoria, pesquisas apontaram a desumanização como um construto unidimensional, refletindo a negação das qualidades humanas aos indivíduos, qualidades que os diferenciam dos animais (Teoria da Infra-humanização; Leyens et al., 2001). Buscando oferecer uma conceituação mais ampla do fenômeno, Haslam (2006) propôs um modelo que o concebe em duas dimensões (Modelo Dual da Desumanização; Haslam, 2006), incluindo, além do mecanismo de animalização discutido por Leyens et al. (2001), o mecanismo de objetificação.

O Modelo Dual da Desumanização

O Modelo Dual da Desumanização, proposto por Haslam (2001), defende que a desumanização é um fenômeno que engloba comportamentos que vão além da comparação entre indivíduo ou grupo a um animal. Para o autor, as pessoas também tendem a se engajar em desumanização ao comparar um indivíduo ou grupo a objetos inanimados (e.g., máquinas e robôs; Pizzirani et al., 2019). Assim, apresenta o construto de duas formas distintas: por meio da negação da singularidade do homem (*desumanização animalesca*) e da negação da natureza humana (*desumanização mecanicista ou objetificação*).

A negação da singularidade do homem refere-se à negação de características exclusivamente humanas que são utilizadas para distinguir os humanos dos animais. Para Haslam (2006), a desumanização animalesca não se restringiria apenas às emoções secundárias (e.g., otimismo, felicidade, compaixão, vergonha, culpa, constrangimento e remorso), mas também à capacidade cognitiva, à civilidade e ao refinamento social. Desse modo, as pessoas não poderiam ser exclusivamente comparadas a animais, mas também serem percebidas como primitivas, inferiores, irracionais, infantis e/ou pouco inteligentes (Haslam et al., 2013; Pizzirani et al., 2020). No segundo tipo de desumanização, há a negação de características centrais ou típicas dos humanos que refletem a natureza humana (Haslam, 2006), dessa forma, é negada às pessoas avaliadas a capacidade de experimentar e expressar emoções e flexibilidade cognitiva, curiosidade e habilidades interpessoais amigáveis (Haslam et al., 2013).

Outra contribuição relevante de Haslam (2006) foi a ideia de que a desumanização poderia ocorrer nas relações interpessoais, principalmente de maneira velada, quando se finge desinteresse ou se explora o outro para atingir determinados fins individuais (Bastian et al., 2014), como a objetificação sexual, interesses financeiros e status social. Nesse contexto, podendo ocorrer desde em situações do cotidiano (e.g., usar a pessoa para satisfazer suas necessidades sexuais) até situações extremas (e.g., usar a identidade de um grupo, comparando-a a animais irracionais, para cometer genocídio).

Assim, considerando a relevância e os efeitos deletérios da desumanização e do recente interesse da Psicologia Social em estudá-la no contexto dos relacionamentos amorosos, Pizzirani et al. (2019) propõem uma medida específica para esse fim, estruturada em quatro fatores, apresentando o primeiro instrumento que mensura a desumanização no contexto dos relacionamentos amorosos, o qual é descrito a seguir.

Dehumanization in Romantic Relationships Scale (DIRRS)

A DIRRS foi elaborada por Pizzirani et al. (2019) em um estudo multicêntrico que contemplou participantes dos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Reino Unido e Nova Zelândia. Trata-se de uma medida de autorrelato que reúne 24 itens que avaliam a desumanização em relacionamentos amorosos, organizados em duas subescalas: versão perpetrador (itens 1 a 12) e versão alvo (itens 13 a 24). As subescalas apresentam os mesmos itens, porém o que muda é a perspectiva do agente da desumanização, sendo os itens respondidos em uma escala do tipo Likert de 7 pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

Visando contribuir para as investigações sobre o fenômeno, os autores (Pizzirani et al., 2019) inovaram ao propor o desenvolvimento de um instrumento diádico, garantindo a captura tanto da perspectiva do perpetrador quanto do alvo. O desenvolvimento e a validação da DIRRS visaram explorar a complexidade do fenômeno, comparando os dois modelos teóricos propostos na literatura sobre desumanização e a estrutura unidimensional (Teoria da infra humanização; Leyens et al. 2001) e bidimensional (Modelo Dual da desumanização; Haslam, 2006).

Na pesquisa que resultou na elaboração da DIRRS, os autores realizaram três estudos, aplicados em contexto virtual, por meio de redes sociais e fóruns *online*. O Estudo 1 teve o objetivo de desenvolver e validar o instrumento, além de comparar as estruturas unidimensional e bidimensional. Participaram 1.251 pessoas, com idades entre 18 e 63 anos, que se encontravam em um relacionamento amoroso. Os resultados demonstraram os seguintes índices de ajuste: (1) para a subescala

de perpetração (CFI = 0.95; TLI = 0.93; RMSEA = 0.06; SRMR = 0.04); e (2) para a subescala alvo (CFI = 0.95; TLI = 0.94; RMSEA = 0.07; SRMR = 0.04).

O Estudo 2 teve por objetivo realizar uma validação cruzada da DIRRS, incluindo a verificação da validade do critério. Para isso, foram utilizadas as medidas de qualidade do relacionamento, padrões de comunicação, interações negativas, cuidados ao parceiro e manutenção da consideração positiva do parceiro. Participaram 847 pessoas, com idades variando entre 18 e 59 anos, que mantinham um relacionamento amoroso. Os resultados indicaram os seguintes índices de ajuste: (1) subescala perpetrador (CFI = 0.93; TLI = 0.92; RMSEA = 0.06; SRMR = 0.05); e (2) subescala alvo (CFI = 0.92; TLI = 0.89; RMSEA = 0.08; SRMR = 0.05).

Por fim, o Estudo 3 buscou replicar os resultados de validade relacionados aos critérios encontrados no Estudo 2, expandindo a análise para explorar as associações entre a desumanização e os abusos físicos e emocionais em relacionamentos amorosos. Contou com 328 participantes, com idades entre 18 e 60 anos, que estavam em relacionamento amoroso. Os resultados indicaram a desumanização como fator explicador do preconceito, da discriminação e da agressão intergrupar (Bandura, 1999; Haslam, 2015; Kteily et al., 2015; Kteily & Bruneau, 2017), além de atuar como fator impulsionador da manifestação de abuso interpessoal.

Os resultados dos estudos de Pizzirani et al. (2019) indicaram uma estrutura fatorial multidimensional da DIRRS com quatro fatores de primeira ordem (*imaturidade, não refinado, explorável e sem emoção*) e dois fatores de segunda ordem (*singularidade humana e natureza humana*), isto é, a DIRRS apreende duas grandes dimensões (singularidade humana e natureza humana), expressas por quatro formas específicas de perceber o parceiro de maneira menos humana. O modelo multidimensional foi atestado com o melhor ajuste aos dados coletados para representar o construto da desumanização em relacionamentos amorosos, logo, distanciando-se do modelo unidimensional de Leyens et al. (2001) e aproximando-se do bidimensional de Haslam (2006).

O fator *imaturidade* (itens 1, 2 e 3; perpetração $\alpha = .76$; alvo $\alpha = .76$) reflete o tratamento do parceiro de forma infantilizada, como se a pessoa em questão fosse incapaz de autogerir-se, enquanto o fator *não refinado* (itens 4, 5 e 6; perpetração $\alpha = .75$; alvo $\alpha = .78$) indica um constrangimento em relação ao parceiro e uma vergonha do seu status social. Já o fator *explorável* (itens 7, 8 e 9; perpetração $\alpha = .71$; alvo $\alpha = .76$) representa um tratamento da pessoa como se ela fosse um meio para atingir um fim, ou seja, seu valor é restrito ao que ela pode oferecer. Enquanto o fator *emoção* (itens 10, 11 e 12; perpetração $\alpha = .83$; alvo $\alpha = .85$) indica que a pessoa é considerada sem emoções, indiferente (Pizzirani et al., 2019).

Neste sentido, identificou-se que a desumanização animalizada, por meio da negação da singularidade humana, refere-se à forma como o indivíduo é percebido,

ou seja, sem consideração de suas características humanas distintas. Ao negar a singularidade humana, pode-se manifestar a percepção ou o tratamento do parceiro de duas maneiras distintas: de forma imatura e sem refinamento social. Assim, ao desumanizá-lo mediante a negação da natureza humana (desumanização mecanicista ou objetificação), a pessoa seria reduzida à condição de objeto e, portanto, isso ocorreria por meio da percepção e/ou do tratamento de que o indivíduo poderia ser explorável ou alguém sem emoção (Pizzirani et al., 2019).

Os autores justificaram que, apesar das testagens dos modelos teoricamente hegemônicos também terem apresentado uma boa estrutura fatorial, a nova configuração identificada apresentou índices mais adequados de precisão em ambas as subescalas, apontando, de forma mais específica, como ocorreria a desumanização entre parceiros amorosos.

Diante das evidências psicométricas da DIRRS, da relevância apresentada sobre o estudo da desumanização na Psicologia e da escassez de medidas adequadas sobre a desumanização no contexto amoroso (Pizzani et al., 2019), observou-se a necessidade do desenvolvimento de um instrumento de mensuração acerca da temática na literatura nacional. Por isso, o presente trabalho teve como objetivo adaptar e validar a *Dehumanization in Romantic Relationships Scale* (DIRRS) para o português brasileiro.

Estudo 1. Adaptação e Evidências de Validade da *Dehumanization in Romantic Relationships Scale* (DIRRS) para o português brasileiro

Neste estudo, objetivou-se adaptar e validar a *Dehumanization in Romantic Relationships Scale* (DIRRS; Pizzirani et al., 2019) para o português brasileiro, apresentando sua estrutura fatorial e evidências de validade e precisão. Para isso, foram conduzidas a Análise Fatorial Exploratória e a análise de consistência interna da medida, as quais são descritas a seguir.

MÉTODO

Participantes

Contou-se com a participação de 268 pessoas, recrutadas por conveniência, com idade média de 29.07 anos ($DP = 9.81$; variando de 18 a 66 anos), sendo a maioria do nordeste brasileiro (81%), do sexo feminino (66.4%), solteira (58.6%), com ensino superior incompleto (33.6%) e em um relacionamento de namoro (51.5%).

Instrumentos

Dehumanization in Romantic Relationships Scale (Pizzirani et al., 2019) traduzido para o português brasileiro, para uso no presente estudo, manteve-se com sua estrutura de 24 itens e duas subescalas. Os 12 primeiros itens referem-se à subescala perpetrador e são respondidos com base na instrução: “Geralmente, eu trato meu parceiro/minha parceira...” (e.g., Item 01. “*como se ele(a) não tivesse status social.*”) e os 12 seguintes dizem respeito à subescala alvo, respondidos sob a instrução: “Geralmente, meu parceiro/minha parceira me trata...” (e.g., Item 01. “*como se ele/ela tivesse vergonha de mim.*”). A medida foi respondida por meio de uma escala do tipo Likert de 7 pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

Questionário sociodemográfico. Composto por perguntas com a finalidade de caracterizar a amostra, como: idade, sexo, estado civil, escolaridade, tipo de relacionamento amoroso e a cidade e estado onde morava.

Procedimentos

Considerando-se as recomendações éticas das Resoluções nº 466/12 e nº 510/16, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que estabelecem diretrizes para pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa de uma instituição de ensino brasileira (Parecer: 4.746.029 / CAAE: 46592221.3.0000.5188). O processo de adaptação seguiu cinco etapas: tradução, síntese das traduções, avaliação semântica por juízes, tradução reversa e validação semântica.

A primeira etapa da adaptação foi a tradução da escala de forma independente por um brasileiro, professor de língua inglesa, e por uma psicóloga pesquisadora bilíngue. Em conjunto, os autores do presente estudo realizaram a síntese das traduções, chegando à versão inicial da escala. Em seguida, duas pesquisadoras da área da Psicologia Social analisaram o conteúdo dessa versão e teceram comentários a respeito, que foram considerados para possíveis modificações. Com a escala finalizada, foi realizada a tradução do instrumento do português para o inglês, por meio do método de Back Translation (Borsa & Seize, 2017), com o intuito de obter uma tradução para o português que refletisse adequadamente o sentido da medida em inglês. Em seguida, procedeu-se à randomização da ordem dos itens.

Posteriormente, o instrumento passou pelo processo de validação semântica, conforme o procedimento estabelecido por Pasquali (2020). Para isto, contou-se com a colaboração de 30 estudantes de graduação, de ambos os sexos, divididos equitativamente entre as áreas de exatas, saúde e humanas, que indicaram dificuldades para compreender o termo “relacionamento romântico”, tradução de “romantic

relationship”, o qual foi substituído por “relacionamento amoroso”. No geral, os participantes levaram, em média, cerca de 20 minutos para concluir a participação. Em seguida, foi realizado um sorteio para selecionar a ordem de apresentação dos itens na escala traduzida. Posteriormente, os participantes foram recrutados por meio de redes sociais (*Instagram, WhatsApp e Facebook*) e em espaços públicos, por meio da técnica “bola de neve”, para responder ao instrumento.

A coleta foi realizada por meio da plataforma on-line Google Forms, na qual foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com informações sobre o estudo, como: seus objetivos; o caráter voluntário da participação; o anonimato das respostas; a possibilidade de desistir do estudo a qualquer momento, sem ônus, e, por fim, a solicitação de permissão da divulgação dos resultados em eventos ou revista científica. Como critério de inclusão, cada participante deveria ter idade igual ou superior a 18 anos e estar em um relacionamento amoroso.

Análise de Dados

Para caracterizar a amostra, os dados foram tabulados e analisados por meio do pacote estatístico SPSS (versão 26), no qual foram realizadas estatísticas descritivas (média, desvio padrão e frequência). Para identificar a estrutura fatorial da versão adaptada da escala DIRRS, cada uma das subescalas (perpetrador e alvo) foi submetida, de forma independente, a uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) no *software Factor* (versão 10.10.03; Ferrando & Lorenzo-Seva, 2017), considerando o método de extração *Unweighted Least Squares* (ULS) e a rotação *Promin* (Lorenzo-Seva, 1999), bem como o método Hull para retenção fatorial (Lorenzo-Seva et al., 2011). Como critério de saturação das cargas fatoriais foi adotado o critério de valores iguais ou superiores a $|0.40|$ (Pasquali, 2020). Além disso, foram calculados o alfa de *Cronbach* e o ômega de *McDonald*, para verificar a precisão da medida, bem como o índice de discriminação de itens por meio da Teoria de Resposta ao Item (TRI).

RESULTADOS

Inicialmente, foram estimadas, para cada item, as seguintes características descritivas: média, desvio-padrão (*DP*), assimetria e curtose, bem como os efeitos de chão e teto, definidos como a proporção de respostas na categoria mínima e na categoria máxima da escala, respectivamente. Os resultados são apresentados na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1

Características descritivas e distribucionais dos itens

Item	Média	DP	Assimetria	Curtose	% Chão	% Teto
Item 1	1.92	1.60	1.75	2.15	67.5	3.7
Item 2	1.32	0.88	3.26	10.70	83.6	0.4
Item 3	1.51	1.16	2.71	7.18	76.5	0.7
Item 4	2.49	1.81	0.94	-0.38	47.8	3.0
Item 5	1.45	1.03	3.00	9.36	75.7	0.4
Item 6	1.72	1.37	2.10	3.45	68.3	0.4
Item 7	2.15	1.60	1.36	0.77	52.6	1.5
Item 8	1.30	0.83	3.71	15.6	83.2	0.4
Item 9	1.31	0.83	3.18	10.6	83.2	0.4
Item 10	1.57	1.27	2.45	5.15	75.7	0.7
Item 11	1.17	0.57	4.70	25.5	88.4	0.0
Item 12	1.86	1.44	1.67	1.70	64.6	0.7
Item 13	1.40	1.02	3.02	8.75	80.2	1.5
Item 14	1.90	1.49	1.71	1.93	61.9	1.1
Item 15	1.44	1.12	2.86	7.96	81.3	0.7
Item 16	1.75	1.39	1.94	2.78	69.0	0.7
Item 17	1.83	1.58	1.83	2.67	62.7	1.1
Item 18	1.96	1.49	1.68	1.71	61.2	2.2
Item 19	1.95	1.03	1.64	1.78	59.3	1.5
Item 20	1.38	1.39	3.21	10.3	82.1	0.4
Item 21	1.70	1.28	2.02	3.06	73.5	0.7
Item 22	1.56	1.28	2.51	5.45	76.9	0.7
Item 23	1.63	1.28	2.13	3.83	74.6	0.7
Item 24	1.53	1.16	2.54	6.20	75.7	0.7

Nota: DP = Desvio Padrão; % Chão = proporção na categoria mínima da escala do item; % Teto = proporção na categoria máxima

Em seguida, buscou-se verificar a adequação dos dados por meio do índice *Kaiser-Meyer-Olkin* nas subescalas perpetrador ($KMO = 0.83$) e alvo ($KMO = 0.87$) e do teste de esfericidade de *Bartlett* $X^2(66) = 2251.2, p < 0.001$ e $X^2(66) = 2612.3, p < 0.001$, o que foi confirmado a partir dos métodos de análise utilizados.

A AFE foi conduzida utilizando-se o método de extração ULS, com as duas versões apresentando um único fator, com autovalor $> DIRRS_{perpetrador}(6.14)$ e $DIRRS_{alvo}(6.70)$, explicando 55% e 59% da variância total, respectivamente. O caráter unidimensional das duas versões foi reforçado pelo método *Hull* (Lorenzo-Seva et al., 2011) e pelos indicadores de unidimensionalidade da $DIRRS_{perpetrador}$ (UniCo [Unidimensional Congruence] = 0.96 e MIREAL [Mean of Item Residual Absolute Loadings] = 0.27) e da $DIRRS_{alvo}$ (UniCo [Unidimensional Congruence] = 0.93 e MIREAL [Mean of Item Residual Absolute Loadings] = 0.25).

Também foram obtidos os índices de discriminação na TRI, para avaliar a capacidade de cada item diferenciar as pessoas no traço latente em questão. Na subescala perpetrador, os itens variaram de 0.51 (item 1) a 1.37 (item 3), já na subescala alvo, a variação foi de 0.66 (item 14) a 1.57 (item 15). Na Tabela 2, é possível verificar os itens adaptados e a estrutura fatorial com as discriminações da escala DIRRS.

Tabela 2

Itens adaptados e estrutura fatorial com as discriminações da escala DIRRS

Desumanização (Perpetrador) <i>Geralmente, eu trato meu parceiro/minha parceira...</i>	AFE - DIRRS			TRI
	F1	95% IC	h ²	a
3. Como se ele(a) fosse cruel.	0.80*	1.32 – 1.68	0.65	1.37
2. Como se ele(a) não tivesse sentimentos.	0.80*	1.18 – 1.45	0.65	1.36
5. Como se a opinião dele(a) não fosse importante para mim.	0.79*	1.28 – 1.60	0.62	10.29
10. Como se ele(a) me deixasse constrangido(a).	0.79*	1.37 – 1.77	0.62	1.29
4. Como se ele(a) fosse imaturo(a).	0.73*	2.20 – 2.76	0.54	1.09
8. Como se eu tivesse vergonha dele(a).	0.72*	1.16 – 1.42	0.52	1.05
6. Como se ele(a) fosse indiferente.	0.72*	1.50 – 1.92	0.52	1.05
11. Como se ele(a) apenas tivesse valor pelo que pode oferecer.	0.70*	1.07 – 1.25	0.49	0.98
12. Como se ele(a) fosse uma criança.	0.68*	1.63 – 2.08	0.46	0.94
7. Como se ele(a) não fosse capaz de se cuidar sozinho(a).	0.66*	1.89 – 2.40	0.44	0.88
9. Como um meio para conseguir algo.	0.62*	1.18 – 1.44	0.39	0.80
1. Como se ele(a) não tivesse status social.	0.46*	1.66 – 2.16	0.21	0.51
Desumanização (Alvo)				
<i>Geralmente, meu parceiro/minha parceira me trata...</i>				
15. Como um meio para conseguir algo.	0.84*	1.26 – 1.61	0.71	1.57
22. Como se eu o(a) deixasse constrangido(a).	0.83*	1.35 – 1.75	0.69	1.50
21. Como se eu não tivesse sentimentos.	0.81*	1.47 – 1.91	0.66	1.42
16. Como se eu fosse indiferente.	0.80*	1.53 – 1.96	0.64	1.34
13. Como se ele(a) tivesse vergonha de mim.	0.78*	1.24 – 1.56	0.61	1.26
20. Como se eu apenas tivesse valor pelo que posso oferecer.	0.76*	1.22 – 1.54	0.59	1.20
19. Como se eu fosse imaturo(a).	0.73*	1.71 – 2.18	0.53	1.07
18. Como se a minha opinião não fosse importante para ele(a).	0.73*	1.71 – 2.20	0.54	1.08
23. Como se eu não tivesse status social.	0.62*	1.42 – 1.83	0.39	0.80
17. Como se eu fosse uma criança.	0.59*	1.61 – 2.04	0.34	0.73
14. Como se eu não fosse capaz de me cuidar sozinho(a).	0.55*	1.66 – 2.13	0.30	0.66
Número de itens	<i>Perpetrador</i>			<i>Alvo</i>
Valor próprio	12			11
Variância total	6.14			6.70
Alfa de Cronbach (α)	55%			59%
Ômega de McDonald (ω)	.92			.94
	.93			.94

Na Tabela 2, observou-se que 23 itens saturaram no único fator da DIRRS, indicando uma estrutura unifatorial em ambas as subescalas (perpetrador e alvo). Na subescala perpetrador, a carga fatorial dos itens variou entre 0.46 (item 1) e 0.80 (item 3). Já na subescala alvo entre 0.55 (item 14) e 0.84 (item 15). O item 24 (“como se eu fosse cruel”) apresentou desempenho psicométrico insatisfatório. Especificamente, sua carga fatorial foi inferior ao critério mínimo de $|0,40|$, recomendado na literatura (Hair et al., 2010), indicando baixa associação com o fator latente.

Além disso, foi verificada a consistência interna do instrumento. Na subescala perpetrador, tanto o alfa de *Cronbach* ($\alpha = .92$) quanto o ômega de *McDonald* ($\omega = .93$) foram adequados (Campo-Arias & Oviedo, 2008). Na subescala alvo, esse padrão se repetiu, indicando adequabilidade para os dois parâmetros ($\alpha = .94$; $\omega = .94$). Portanto, o modelo encontrado no contexto brasileiro demonstrou ser mais adequado a estrutura unifatorial para ambas as subescalas (perpetrador e alvo), estabelecidas separadamente, divergindo da estrutura original (Pizzirani et al., 2019).

Em suma, os resultados evidenciaram a validade fatorial e a consistência interna (precisão) da DIRRS, contudo, tendo em conta o caráter exploratório dessas análises, procedeu-se a um estudo adicional para assegurar as qualidades psicométricas e reunir evidências complementares.

Estudo 2. Análise Confirmatória da *Dehumanization in Romantic Relationships Scale* (DIRRS) para o português brasileiro

O Estudo 2 teve como objetivo confirmar a estrutura unifatorial da DIRRS para o português brasileiro apresentada no Estudo 1, por meio da condução de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), apresentada a seguir.

MÉTODO

Participantes

Contou-se com a participação de 212 pessoas, recrutadas por conveniência, com idade média de 29.9 anos ($DP = 10.82$; variando de 18 a 69 anos), sendo a maioria do nordeste brasileiro (79.7%), do sexo feminino (50.9%), solteira (59%), com ensino superior incompleto (36.8%) e em um relacionamento de namoro (51%). Como critério de inclusão, cada participante deveria ter idade igual ou superior a 18 anos e estar em um relacionamento amoroso.

Instrumentos

Dehumanization in Romantic Relationships Scale (DIRRS), adaptada para o português brasileiro, no Estudo 1. Constituída por 12 itens na subescala perpetrador ($\alpha = .92$; $\omega = .93$) e 11 itens na subescala alvo ($\alpha = .94$; $\omega = .94$), respondidos com base na instrução: “Geralmente, eu trato meu parceiro/minha parceira...” e “Geralmente, meu parceiro/minha parceira me trata...”, respectivamente, com base em uma escala do tipo Likert de 7 pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

Questionário sociodemográfico. Composto por perguntas com a finalidade de caracterizar a amostra, como idade, sexo, estado civil, escolaridade, tipo de relacionamento amoroso e a cidade e estado onde morava.

Procedimentos

Seguiram-se os procedimentos semelhantes aos adotados no Estudo 1, respeitando as diretrizes e aspectos éticos das Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Brasil.

Análise de dados

Para caracterização da amostra, foi utilizado o mesmo procedimento do Estudo 1. A Análise Fatorial Confirmatória (AFC) foi conduzida no *software* Jasp, usando o método DWLS (*Dampened Weighted Least Squares*). Foram calculados o alfa de Cronbach e o ômega de McDonald, além dos índices de ajuste do modelo: *chi quadrado* ($\chi^2/\text{gl} < 5$); *Comparative Fit Index* (CFI > 0.95); *Tucker-Lewis Index* (TLI > 0.90); *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA < 0.08); *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR < 0.10 ; Byrne, 2013).

RESULTADOS

A AFC da subescala perpetrador indicou bons índices de ajuste da estrutura unifatorial: $\chi^2/\text{gl} = 3.14$; $p < 0.01$; CFI = 0.97; TLI = 0.97; RMSEA = 0.10 (0.08 - 0.11); SRMR = 0.10. O índice de ajuste RMSEA apresentou um valor superior ao limite máximo estabelecido como critério, porém de forma não significativa. Para a subescala alvo a estrutura unifatorial também apresentou bons índices de ajuste: $\chi^2/\text{gl} = 5.34$; $p < 0.01$; CFI = 0.97; TLI = 0.97; RMSEA = 0.14 (0.08 - 0.11); SRMR = 0.12, no entanto, o valor do Qui-Quadrado, bem como os índices RMSEA e SRMR foram superiores ao limiar do critério admitido, considerado de forma não significativa.

Além disso, os pesos fatoriais (*Lambdas* - λ) foram positivos e diferentes de zero, variando, na subescala perpetrador, de 0.42 (item 1) a 0.89 (item 11) e, na subescala alvo, de 0.60 (item 14) a 0.88 (item 20). Essas informações podem ser verificadas na Figura 1 e na Figura 2, respectivamente

Figura 1

Estrutura unifatorial da DIRRS (subescala perpetrador)

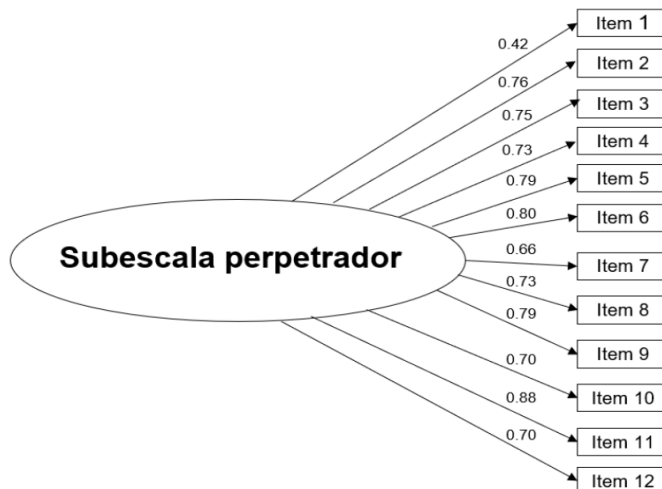
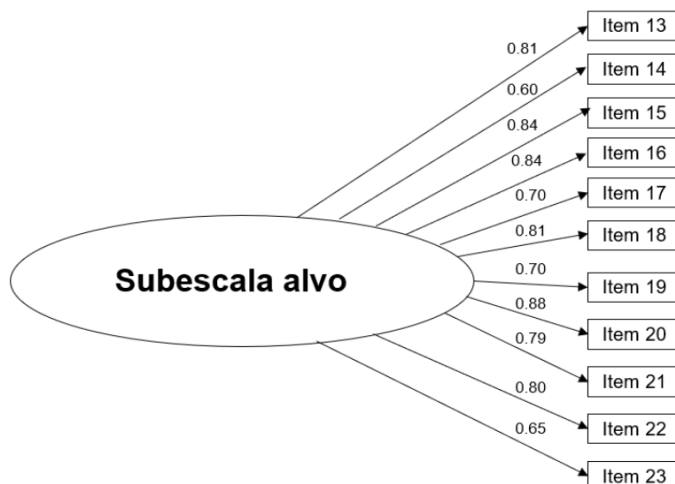


Figura 2

Estrutura unifatorial da DIRRS (subescala alvo)



No que diz respeito à consistência interna do instrumento, a subescala perpetrador apresentou valores adequados tanto no alfa de *Cronbach* ($\alpha = .81$) quanto no ômega de *McDonald* ($\omega = .82$). A subescala alvo também apresentou valores adequados considerando-se os dois parâmetros ($\alpha = .86$; $\omega = .86$), o que corroborou com o parâmetro da medida como um todo ($\alpha = .86$ e $\omega = .86$), ou seja, considerando-se os itens de 1 a 23.

DISCUSSÃO

Este artigo teve como objetivo adaptar e validar a Dehumanization in Romantic Relationships Scale (DIRRS; Pizzirani et al., 2019) para o português brasileiro, oferecendo um instrumento adequado para investigar um fenômeno com reconhecidas implicações para o bem-estar e para a dinâmica dos vínculos amorosos. No Estudo 1, inicialmente foi observado que a escala apresenta baixo endosso explícito, com efeito de piso acentuado. Esse padrão é compatível com abordagens contemporâneas da desumanização, que distinguem expressões explícitas de manifestações sutis (negação de atributos de singularidade humana ou mecanização do outro; Haslam & Loughnan, 2014). Em contextos normativos, conteúdos abertamente desumanizadores tendem a ser socialmente sancionados, o que desestimula a concordância explícita e favorece concentrações nas categorias inferiores da escala. Essa leitura é consistente com a literatura sobre desejetabilidade social e gestão de impressão em autorrelatos (Paulhus, 1991; 2002).

Além disso, a combinação de assimetria positiva e curtose elevada em diversos itens indica restrição de variância nas faixas baixas do traço e discriminação limitada entre respondentes com níveis próximos. Nesses cenários, suposições de normalidade aproximada tornam-se frágeis, recomendando tratar itens Likert como ordinais e empregar correlações policóricas com estimadores robustos, que apresentam desempenho superior sob não-normalidade e número reduzido de categorias (Flora & Curran, 2004; Rhemtulla et al., 2012; West et al., 1995).

Em termos substantivos, os achados sustentam uma interpretação conservadora: a medida capta baixo endosso declarado de conteúdos associados à desumanização, o que não implica ausência do fenômeno. Dado o peso de normas injuntivas e a redação possivelmente contundente de alguns itens, manifestações mais sutis ou indiretas podem permanecer subdetectadas. Estudos futuros podem considerar itens menos valorativos (preservando a validade de conteúdo) e, quando pertinente, paradigmas indiretos (e.g., julgamentos de emoções secundárias, atribuição de profundidade mental ou cenários ambíguos).

Ainda em relação ao Estudo 1, por meio da Análise Fatorial Exploratória foram reunidas evidências que atestam a qualidade psicométrica da DIRRS. Desse modo,

a adequação dos dados foi confirmada pelo índice *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), considerado satisfatório tanto para a subescala perpetrador (KMO = 0.83), quanto para a subescala alvo (KMO = 0.87). O teste de esfericidade de *Bartlett* reforçou a adequação do método de análise com valores significativos para ambas as subescalas ($p < .001$). A AFE foi realizada utilizando o método de extração ULS, que revelou uma estrutura unidimensional para ambas as subescalas, com autovalores superiores a 1 e explicando 55% da variância total (subescala perpetrador) e 59% (subescala alvo). Estes achados foram corroborados pelo método *Hull* e pelos indicadores de unidimensionalidade, com *UniCo* e *MIREAL* demonstrando forte congruência unidimensional para as duas subescalas.

A versão adaptada da DIRRS apresentou evidências de validade e precisão, ou seja, as cargas fatoriais dos itens foram acima de $|0.40|$ e os índices de consistência interna da medida foram superiores aos indicados pela literatura, valores ≥ 0.70 (Marôco, 2021). Quanto aos índices da TRI, foi observado que, em sua maioria, os valores estavam acima do limiar considerado medíocre (≤ 0.65 ; Baker, 2001), com exceção do item 23 (“*Como se eu não tivesse status social*”) que apresentou valor abaixo ($\alpha = .51$). A precisão do instrumento foi verificada por meio do Alfa de *Cronbach* ($\alpha = .92$ e do Ômega de *McDonald* ($\omega = .93$, que indicaram um resultado excelente, confirmando a confiabilidade do instrumento.

Ademais, para o contexto brasileiro, a DIRRS reuniu 23 itens, sendo 12 itens da subescala perpetrador e 11 itens da subescala alvo, que saturaram separadamente em um único fator.

O modelo encontrado no contexto brasileiro (unidimensional) diverge da estrutura fatorial da escala original (quatro fatores de primeira ordem e dois fatores de segunda ordem) proposta por Pizzirani et al. (2019) e do Modelo Dual da Desumanização (bidimensional) defendido por Haslam (2006). Entretanto, converge com o modelo apresentado pela Teoria da Infra-humanização de Leyens et al. (2001), o que corrobora com estudo realizado por Bastian et al. (2013), que indicaram que uma abordagem unidimensional da desumanização pode ser mais adequada para contextos interpessoais. Isto sugere que a negação tanto da natureza humana quanto da singularidade humana pode ser consolidada em uma única dimensão.

No Estudo 2, foram reunidas evidências psicométricas complementares de validade da DIRRS. Por meio da condução de uma Análise Fatorial Confirmatória, comprovou-se que ambas as subescalas da DIRRS possuem uma estrutura unifatorial com bons índices de ajuste. Os resultados do Estudo 2 possibilitaram corroborar a estrutura unidimensional apontada no Estudo 1.

Especificamente, para a subescala perpetrador, os índices de ajuste indicaram um modelo adequado, embora o RMSEA tenha excedido ligeiramente o valor recomendado, sem significância estatística relevante. Para a subescala alvo, os índices

apresentaram um ajuste aceitável, apesar de RMSEA e SRMR também excederem os critérios recomendados, por isso, sem significância estatística. A ligeira discrepância observada nos índices RMSEA e SRMR para ambas as subescalas pode ser atribuída à complexidade inerente dos relacionamentos amorosos e à natureza multifacetada do construto da desumanização. Também foram corroborados os índices adequados de confiabilidade (precisão) da medida (α e ω = .86), da subescala perpetrador (α = .81; ω = .82) e da subescala alvo (α = .86; ω = .86), com seus valores acima do ponto de corte de no mínimo 0,70 (Marôco, 2021; Taber, 2018).

Destarte, as descobertas evidenciadas neste estudo são importantes uma vez que vêm demonstrar que, na realidade brasileira, a desumanização em relacionamentos amorosos ocorre de forma unidimensional, ou seja, em conformidade com o modelo proposto pela Teoria da Infra-humanização (Leyens et al., 2001). Uma explicação para a divergência com o estudo de Pizzirani et al. (2019) pode ser o fato de que, no artigo da escala original, a amostra foi maior e decorrente de diferentes países de língua inglesa com culturas diversas, podendo variar o entendimento e o significado de desumanização. Dessa forma, compreende-se que os estudos evidenciam que o instrumento possui boas qualidades psicométricas.

Contributos do estudo

O presente estudo fornece as primeiras evidências da adaptação e da validação de uma escala sobre desumanização em relacionamentos amorosos no português brasileiro. Esse instrumento pode ser utilizado como rastreamento de informações por profissionais que objetivam avaliar a dinâmica de relacionamentos amorosos e planejar intervenções mais assertivas e eficazes com casais. Dessa forma, apresenta-se uma contribuição tanto a nível básico quanto aplicado.

Limitações e sugestões para estudos futuros

Embora tenha sido verificado que a medida é adequada para mensurar a desumanização em relacionamentos amorosos, a pesquisa não está isenta de limitações. Apesar de parte da coleta de dados ter sido conduzida de forma on-line, houve predominância de participantes da região do nordeste brasileiro, o que certamente não reflete o contexto do país. Ademais, em virtude de a medida ser de caráter explícito, o fenômeno da desejabilidade social pode ter sido um forte influenciador do direcionamento das respostas obtidas pelos participantes. Além disso, não foram conduzidas análises complementares, como: diferenças entre grupos (e.g., gênero), validade preditiva, validade de critério e estabilidade temporal.

Para estudos futuros, sugere-se a busca por maior variabilidade geográfica na amostra, bem como o desenvolvimento de medidas implícitas sobre o fenômeno

(Gouveia et al., 2012). Também poderiam ser conduzidos estudos de validade concorrente em relação à medida proposta, para serem verificados aspectos como qualidade do relacionamento e padrões de comunicação positiva e negativa, conforme realizado por Pizzirani et al. (2019), a fim de serem obtidas evidências adicionais de que o instrumento consegue mensurar a desumanização em relacionamentos amorosos de forma apropriada.

REFERÊNCIAS

- Baker, F. B. (2001). *The basics of item response theory* (2nd ed.). Eric Clearinghouse on Assessment and Evaluation. https://www.ime.unicamp.br/~cnaber/Baker_Book.pdf
- Bar-Tal, D. (1989). *Group beliefs: A conception for analyzing group structure, processes, and behavior*. Springer-Verlag.
- Bastian, B., & Haslam, N. (2011). Experiencing dehumanization: Cognitive and emotional effects of everyday dehumanization. *Basic and Applied Social Psychology*, 33, 295–303. <https://doi.org/10.1080/01973533.2011.614132>
- Bastian, B., Jetten, J., Chen, H., Radke, H. R. M., Harding, J. F., & Fasoli, F. (2013). Losing our humanity: The self-dehumanizing consequences of social ostracism. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 39, 156–169. <https://doi.org/10.1177/0146167212471205>
- Bastian, B., Jetten, J., & Haslam, N. (2014). An interpersonal perspective on dehumanization. In P. Bain, G. Vaes, and J.-P. Leyens (Eds.), *Humanness and Dehumanization* (pp.205–224). Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203110539-18>
- Borsa, J. C., & Seize, M. M. (2017). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: Dois caminhos possíveis. In B. F. Damásio & J. C. Borsa (Eds.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos*. Vetor Editora.
- Byrne, B. M. (2013). *Structural equation modeling with Mplus: Basic concepts, applications, and programming*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203807644>
- Campo-Arias, A., & Oviedo, H. C. (2008). Propiedades psicométricas de una escala: La consistencia interna. *Revista de Salud Pública*, 10(5), 831–839. <https://www.redalyc.org/pdf/422/42210515.pdf>
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2017). Program FACTOR at 10: Origins, development and future directions. *Psicothema*, 29(2), 236–241. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.304>
- Flora, D. B., & Curran, P. J. (2004). An empirical evaluation of alternative methods of estimation for confirmatory factor analysis with ordinal data. *Psychological Methods*, 9(4), 466–491. <https://doi.org/10.1037/1082-989X.9.4.466>
- Gaunt, R., Leyens, J. P., & Demoulin, S. (2002). Intergroup relations and the attribution of emotions: Control over memory for secondary emotions associated with the ingroup and outgroup. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38, 508–514. [https://doi.org/10.1016/S0022-1031\(02\)00014-8](https://doi.org/10.1016/S0022-1031(02)00014-8)
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A., Mendes, L. A. C., & Freire, S. E. (2012). Introdução às medidas implícitas: Conceitos, técnicas e contribuições. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 12(1), 80–92.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2010). *Multivariate data analysis* (7th ed.). Pearson.
- Haslam, N. (2006). Dehumanization: An integrative review. *Personality and Social Psychology Review*, 10(3), 252–264. https://doi.org/10.1207/s15327957pspr1003_4

- Haslam, N. (2015). Dehumanization and intergroup relations. In M. Mikulincer, P. R. Shaver, J. F. Dovidio, & J. A. Simpson (Eds.), *APA handbook of personality and social psychology: Vol. 2. Group processes* (pp. 295–314). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14342-011>
- Haslam, N. (2022). Dehumanization and the lack of social connection. *Current Opinion in Psychology*, 43, 312–316. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.08.013>
- Haslam, N., & Loughnan, S. (2014). Dehumanization and infrahumanization. *Annual Review of Psychology*, 65, 399–423. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010213-115045>
- Haslam, N., Loughnan, S., Holland, E. (2013). The Psychology of Humanness. In: Gervais, S. (eds) *Objectification and (De)Humanization. Nebraska Symposium on Motivation, vol 60*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4614-6959-9_2
- Haslam, N., & Stratemeyer, M. (2016). Recent research on dehumanization. *Current Opinion in Psychology*, 11, 25–29. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.03.009>
- Hu, C. S., Wang, Q., Han, T., Weare, E., & Fu, G. (2017). Differential emotion attribution to neutral faces of own and other races. *Cognition and Emotion*, 31(2), 360–368. <https://doi.org/10.1080/02699931.2015.1092419>
- Karantzas, G. C., Simpson, J. A., & Pizzirani, B. (2022). The loss of humanness in close relationships: An interpersonal model of dehumanization. *Current Opinion in Psychology*, 45, 101317. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101317>
- Kteily, N. S., & Landry, A. P. (2022). Dehumanization: Trends, insights, and challenges. *Trends in Cognitive Sciences*, 26(3), 222–240. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2021.12.003>
- Leyens, J. P., Rodriguez-Perez, A., Rodriguez-Torres, R., Gaunt, R., Paladino, M. P., Vaes, J., & Demoulin, S. (2001). Psychological essentialism and the differential attribution of uniquely human emotions to ingroups and outgroups. *European Journal of Social Psychology*, 31(4), 395–411. <https://doi.org/10.1002/ejsp.50>
- Lorenzo-Seva, U. (1999). Promin: A method for oblique factor rotation. *Multivariate Behavioral Research*, 34(3), 347–365. https://doi.org/10.1207/S15327906MBR3403_3
- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E., & Kiers, H.A.L. (2011). The Hull method for selecting the number of common factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46, 340–364. <https://doi.org/10.1080/00273171.2011.564527>
- Marôco J. (2021). *Análise de equações estruturais* (3ª ed.). ReportNumber.
- Martínez, R., Rodríguez-Bailon, R., Moya, M., & Vaes, J. (2017). How do different humanness measures relate? Confronting the attribution of secondary emotions, human uniqueness, and human nature traits. *The Journal of Social Psychology*, 157(2), 165–180. <https://doi.org/10.1080/00224545.2016.1192097>
- Morera, M. D., Quiles, M. N., & Gonzalez-Mendez, R. (2022). Integrating dehumanization and attachment in the prediction of teen dating violence perpetration. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(3–4). <https://doi.org/10.1177/0886260520933042>
- Pasquali, L. (2020). *TEP-Técnicas de Exame Psicológico: Os fundamentos*. Vetor editora.
- Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response bias. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 17–59). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-590241-0.50006-X>
- Paulhus, D. L. (2002). Socially desirable responding: The evolution of a construct. In H. I. Braun, D. N. Jackson, & D. E. Wiley (Eds.), *The role of constructs in psychological and educational measurement* (pp. 49–69). Taylor & Francis/Erlbaum. <https://doi.org/10.4324/9781410607454>

- Pizzirani, B., & Karantzas, G. C. (2019). The association between dehumanization and intimate partner abuse. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(5), 1527-1541. <https://doi.org/10.1177/0265407518811673>
- Pizzirani, B., Karantzas, G. C., & Mullins, E. R. (2019). The development and validation of a dehumanization measure within romantic relationships. *Frontiers in Psychology*, 10: 2754. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02754>
- Pizzirani, B., Karantzas, G. C., Roisman, G. I., & Simpson, J. A. (2021). Early childhood antecedents of dehumanization perpetration in adult romantic relationships. *Social Psychological and Personality Science*, 12(7), 1175-1183. <https://doi.org/10.1177/1948550620974892>
- Rhemtulla, M., Brosseau-Liard, P. É., & Savalei, V. (2012). When can categorical variables be treated as continuous? A comparison of robust continuous and categorical SEM estimation methods under suboptimal conditions. *Psychological Methods*, 17(3), 354–373. <https://doi.org/10.1037/a0029315>
- Silva, S. R. A. (2016). *Despersonalização dos negros nos serviços de saúde: Desumanização e racismo*. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe. <https://gruponsepr.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/09/despersionalizac3a7c3a3o-dos-negros-nos-servic3a7os-de-sac3bade-desumanizac3a7c3a3o-e-racismo.pdf>
- Taber, K. S. (2018). The use of Cronbach's alpha when developing and reporting research instruments in science education. *Research in Science Education*, 48, 1273-1296. <https://doi.org/10.1007/s11165-016-9602-2>
- Volpato, C., & Andrighetto, L. (2015). Dehumanization. In J. D. Wright (Ed.), *International encyclopedia of the social and behavioral sciences* (2nd ed., pp. 31–37). Elsevier. <https://dx.doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.24035-X>
- West, S. G., Finch, J. F., & Curran, P. J. (1995). Structural equation models with nonnormal variables: Problems and remedies. In R. H. Hoyle (Ed.), *Structural equation modeling: Concepts, issues, and applications* (pp. 56–75). Sage